

Juventude e CF-96

Construindo a Cidadania

Amarildo Babinetti
do 4o. ano de Teologia - grad. 1995

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil juntamente com toda a Igreja em nosso país faz acontecer há mais de 33 anos a Campanha da Fraternidade. Sempre realizada no período da quaresma, a CF traz um tema de fundamental importância para a vida de todos os cristãos. E este ano é a vez de aprofundar ainda mais a relação entre **fé e política**. Todas as comunidades e pastorais estão envolvidas neste grande mutirão para que se possam concretizar com maior força sinais do Reino de Deus.

Diante disto o nosso objetivo aqui é apresentar elementos para uma reflexão aprofundada entre o tema desta CF e a juventude. Em um primeiro momento mostramos como a PJ do Brasil tem já presente a necessidade de trabalhar com a juventude a relação entre fé e política através de uma das cinco dimensões de todo o trabalho realizado com os jovens. Em um segundo momento, partindo de uma pesquisa realizada com jovens, apresentamos alguns dados que é importante levar em conta no trabalho pastoral junto com a juventude. No desenrolar desta reflexão aparecerão algumas pistas e propostas pastorais.

1.. DIMENSÃO DA CONSCIENTIZAÇÃO

A pastoral da Juventude do Brasil, em seu processo de formação junto aos jovens, tem presentes **cinco dimensões** da pessoa humana que são fundamentais para se construir um processo. Estas cinco dimensões são: **personalização, integração, capacitação técnica, evangelização e conscientização**. Não vamos aprofundar todas estas dimensões porque o espaço que aqui temos não o permite, mas destacamos o que se entende por **conscientização**.

Corresponde à dimensão política e busca responder às perguntas "*Onde estou e que faço aqui?*" Trata-se de ajudar o jovem a descobrir o mundo onde vive e seu lugar nele, como sujeito da história. Quer-se formá-lo de maneira gradual para a ação sócio-política e para as mudanças de estruturas¹. Isto inclui a construção do senso crítico e a capacidade de analisar a realidade em que vive, saber discernir as várias ideologias e o conhecimento da Doutrina Social da Igreja, e contribuir para que o jovem possa integrar sua dimensão de fé com o compromisso sócio-político².

Constatam-se sérias dificuldades na construção desse processo. Inúmeros grupos, movimentos e agentes de Pastoral o desprezam completamente. Os próprios jovens, anes-

tesados pelo sistema dominante, em geral não demonstram interesse. Onde se verifica a preocupação de atender a essa dimensão, tem sido comum o risco de queima de etapas, especialmente pela falta de paciência e pedagogia dos que já superaram esta fase.

O processo de conscientização, como todos os demais, se dá por passos que precisam ser levados em conta. Os mesmos podem assim ser descritos:

A. Sensibilização: a maioria dos jovens (e especialmente dos adolescentes) que chegam aos grupos possui uma consciência ingênua e desinformada, e está fechada no mundo de seus conflitos pessoais. É preciso, antes de tudo, romper esse círculo fechado e despertar para a descoberta da problemática social. Essa descoberta é iniciada a nível de sensibilização: o jovem começa a perceber os fatos e tomar atitudes de compaixão e solidariedade (manifestadas, às vezes, por ações assistencialistas). Embora muitos jovens e grupos não passem por esta fase, a mesma não pode ser desprezada pelos assessores, quando verificada no grupo, embora necessite ser superada.

B. Conscientização: uma pedagogia adequada partirá das atitudes de compaixão e das pequenas ações (ainda que assistencialistas) dos jovens, para ajudá-los à descoberta das causas estruturais e à realização de ações sempre mais transformadoras. Essa descoberta representa um salto qualitativo da consciência ingênua para a consciência crítica, o que exige tempo.

Deve-se partir das necessidades sentidas, da realidade percebida e das ações realizadas. Mediante a revisão dessa ação e de seu marco teórico implícito, com a ajuda da mediação teórica das ciências humanas, o jovem vai tomando consciência da estrutura social. Para isso contribui especialmente a formação teórica, mediante atividades complementares (cursos, seminários, leituras) e a participação nos movimentos populares³.

"A juventude quer seu direito e sua liberdade para poder interferir na realidade"

C. Organização e mobilização: o processo de conscientização tem como ápice o engajamento na ação organizada do povo pela transformação da sociedade. Ou seja, a criação de organizações que se mobilizem nessa direção. A importância da organização e da ação organizada é sentida como consequência das descobertas realizadas.

2. DADOS PESQUISADOS

Foi realizada na Diocese de Rio do Sul uma pesquisa com 349 jovens, na faixa etária de 15 a 26 anos⁴. Destes, 69,3% eram do meio urbano e 30,7%, do meio rural. Entre as várias questões formuladas, 4 interessam em nossa reflexão.

2.1. O VOTO AOS 16 ANOS

Quando perguntados da importância ou não de o jovem votar aos 16 anos, 80% afirmaram que sim e fundamentaram sua resposta dizendo que o jovem nesta idade já é responsável e tem maturidade; votando desde cedo começa a exercer sua cidadania; contribui na transformação do país e com o seu voto contribui para a construção do seu futuro.

Percebe-se, nas respostas, um certo nível de politização. Enfocam e valorizam valores como a liberdade e o direito de todos se expressarem e interferirem na vida social, de participar, opinar e pensar sem constrangimento. Assumem a liberdade associada à responsabilidade, maturidade e capacidade, não como um fim em si mesmo. Esses aspectos não são apenas teóricos. Estão em relação dialética com as condições materiais e sociais da existência. A juventude quer seu direito e sua liberdade para poder interferir na realidade, contribuindo assim para a transformação das estruturas. Eles refletem a discriminação pela qual passam, ao não ter conhecimento do "mundo adulto". Reclamam maior valorização, não só como pessoas, mas também enquanto sujeitos aptos a assumir um papel na sociedade.

2.2. APRENDIZADO POLÍTICO

A pesquisa também constatou um dado preocupante. A maioria dos jovens, 42,3%, afirmam que foi através da televisão, rádio e jornal que tiveram seu aprendizado político; 26,1% na família, 20% na escola e finalmente 11,5% na pastoral ou partido. Mesmo sem poder aqui fazer uma análise profunda dos MCS (mais precisamente da TV), é preciso, porém, tecer alguns comentários.

Fábrica do consenso

A influência da televisão na vida das pessoas é tão abrangente que se torna difícil medir-lhe a real dimensão⁵. Esta afirmação confirma as respostas dadas pelos jovens entrevistados. Ou seja, tendo poucos elementos para fazer uma análise crítica dos conteúdos que são apresentados na TV, o jovem acaba aceitando passivamente o que é "ensinado" nos vários programas sobre a política. Mesmo porque os conteúdos divulgados não permitem a possibilidade de serem contestados. Nunca se tem uma possibilidade de diálogo como acontece na família, na roda de amigos, na escola ou na pastoral. A TV apresenta (impõe) sua versão sobre os fatos, e ninguém pode contestá-los.

A passagem para um regime político liberal, regido pelos parâmetros eleitorais, consolidou o papel e a função dos grandes meios de comunicação, em particular a TV, na fábrica de consensos ideológicos. Num país com baixíssimo nível de alfabetização, com uma vida cultural restrita a um pequeno grupo, com pouca circulação de jornais e com um conteúdo reservado para iniciados, com um sistema educacional que mal consegue manter as crianças e os jovens em suas salas por algum tempo, com editoras (inclusive católicas) que, cada vez mais, preferem publicar menos exemplares de livros mais densos (e mais caros!)⁶, isto fica claro de perceber. Tudo contribui para que os espaços de formação, que são apenas a família, a escola, as pastorais, sejam gradativamente substituídos pelo fascínio e a facilidade da televisão.

Dados Importantes

Considerando que 42,3% dos jovens entrevistados afirmaram que a televisão é o espaço do seu aprendizado político, é bom se perguntar: *Qual a concepção de política que é apresentada pela TV?* Algumas pesquisas respondem a esta questão:

O professor Afonso de ALBUQUERQUE, da Universidade Federal Fluminense, observou por onze semanas (março a maio de 1994) o espaço dedicado pelo *Jornal Nacional*, da Rede Globo, à cobertura das candidaturas à presidência. Fernando Henrique Cardoso (FHC) foi privilegiado com 37% do tempo, contra 23% dedicados a Luís Inácio Lula da Silva (LULA) e 36% dividido entre os outros 6 candidatos. Isso sem levar em conta os conteúdos, pois o tempo dedicado a LULA tratava em especial das polêmicas e dissensões do PT e da CUT, enquanto em relação a FHC apresentava-se o clima de união e consenso das alianças que se formavam em seu apoio e o envolvimento do candidato na gestão do plano Real.

Outra pesquisa, realizada pela Revista *Imprensa* sobre a cobertura dos principais jornais e revistas no mês de setembro de 1994, derradeiro para a campanha eleitoral, demonstrou que as manchetes econômicas detiveram 45% do espaço e a sucessão presidencial 30%. FHC foi o mais citado em textos de primeira página, com 16%, contra 11% para LULA. Fernando Henrique e Ruth Cardoso abocanharam 11% das capas das revistas semanais, sendo 5% reservados a LULA.

Todos já sabemos que o grande candidato das eleições de 1994 foi o Real. E os ouvintes e *Eleitores* foram convidados a votar em FHC em nome da ilusão de que o tempo da "fatura chegou". Os versos do jingle da campanha de FHC são uma bela ilustração deste fato: *"Deu no jornal que a vida está melhorando. É real"*. Ora, ser crítico de FHC era ser contra o Brasil, era ser contra uma vida que se mostrava melhor para a população brasileira, principalmente a empobrecida, que agora tinha poder de compra.

"Os espaços de formação, que são apenas a família, a escola, as pastorais..."

Na recente greve dos petroleiros, também assistiu-se a uma manipulação das informações divulgadas pelos MCS. Todos fomos bombardeados com cenas de homens e mulheres que estavam na fila em busca de um botijão de gás, milhares de motoristas na fila dos postos de combustíveis, fábricas fechando as portas por causa da greve. Mas vejamos que faltou uma cara - a do petroleiro. Em momento algum ele pôde se defender das acusações de corporativismo. Ele não pôde deixar claro suas intenções para a dona de casa que buscava gás e convenceu-a de que os interesses de ambos eram compatíveis e não contraditórios. A cara do trabalhador foi eliminada, criminalizada, sem direito de defesa, por todos os grandes MCS⁷.

Estes elementos deixam claro a concepção política que a TV assume. Concepção esta que elimina a possibilidade de um verdadeiro discernimento dos projetos políticos que se pode construir:

a) *o das elites dominantes: neoliberal, excludente, que gera fome, miséria, violência, e é mascarado como a única possibilidade de Salvação da pátria.*

b) ou o *projeto político popular, que pretende ser democrático e participativo.*

Mas este último é apresentado pelos MCS como bagunça, grevista, corporativista e impossível de resolver os problemas da maioria da população brasileira. A grande questão nas eleições de 1994 não era votar em FHC ou LULA, mas votar entre o projeto político neoliberal excludente do capitalismo selvagem, apoiado pelo **plano real** e que cria a grande ilusão de melhores dias; ou em um projeto político democrático e popular onde os trabalhadores pudessem gerenciar o poder público, invertendo a ordem atual que privilegia o capital em detrimento do trabalho.

Pistas Pastorais

Diante de tudo isto temos alguns desafios em relação à formação política dos jovens:

a) dar oportunidade ao jovem para um verdadeiro debate e conhecimento dos projetos políticos;

b) construir espaços alternativos onde os jovens possam ter seu aprendizado político, livre de manipulações ideológicas;

c) possibilitar debates acerca dos conteúdos vinculados pelos MCS, com a preocupação de o jovem ter uma posição crítica frente a eles;

d) integrar e somar esforços com a escola ou professores preocupados com a problemática, a fim de abrir espaços de debates e contribuírem com a formação de verdadeiros cidadãos.

2.3. OS PROBLEMAS SOCIAIS E COMO SOLVÊ-LOS

Mesmo com toda a manipulação dos MCS, a pesquisa constatou que 97,8% dos jovens da diocese de Rio do Sul se preocupam com questões sociais tais como: *violência, miséria, fome e desemprego*. Afirmando que sua preocupação se deve ao fato de que o resultado do modo de se organizar a sociedade: a

maioria é excluída e uma minoria vive na fartura. A corrupção política também contribui para esta realidade. É um problema que atinge a todos. São seres humanos que estão sofrendo e, por causa da sua dignidade e "*por serem filhos de Deus eu me preocupo*", "*poderia ser eu a estar em uma situação de miséria*", e porque somos responsáveis direta ou indiretamente por esta situação por não saber votar com consciência e em pessoas que transformariam a realidade do país.

O fato de 97,8% dos jovens se preocuparem com os problemas sociais, revela que os jovens são sensíveis aos escandalosos problemas da sociedade. Em outras palavras, podemos afirmar que muitos jovens têm a consciência de que ser cidadão ou cidadã implica a corresponsabilidade em construir um país com participação efetiva de todos.

Outro grupo se preocupa com a problemática social porque está em jogo *a vida e a dignidade de seres humanos, de pessoas*. Temos aqui um princípio ético bem definido: **O valor supremo da vida**, que condena a toda e qualquer ameaça contra ela.

Aos jovens, também, foi questionado como poderiam ser resolvidos estes problemas. Deles, 50% afirmam que com o engajamento nos organismos da sociedade, com a organização da juventude, com a participação na comunidade e assumindo campanhas como a "**Ação da Cidadania contra a Fome e a Miséria pela Vida**"; 30,4% dos jovens pensam que poderiam resolver estes problemas através da conscientização, do voto consciente em pessoas comprometidas com a maioria do povo; 10,4% são categóricos em afirmar que é preciso cobrar (dos políticos) e do poder público e para 9,1% só os políticos podem resolver estes problemas.

Analisando esta questão, percebemos que só 9,1% dos entrevistados delegam ou atribuem a solução dos problemas apenas aos políticos. São jovens que não se comprometem na busca de soluções, não querem se engajar. A grande maioria, porém, está disposta a engajar-se em organismos da sociedade que buscam encontrar soluções para os problemas. Muitos entrevistados citam "*A campanha contra a fome*" como um exemplo de fazer alguma coisa que, por mínima que seja, ajuda. Estamos diante de jovens que estão dispostos a se empenhar em algum movimento popular que vise a transformação social.

Esta análise nos remete a alguns **desafios pastorais**:

*"Espaços
alternativos onde
os jovens possam
ter seu
aprendizado
político"*

a) multiplicar, nas comunidades, experiências e trabalhos alternativos que busquem a participação do jovem: tais como campanhas de arrecadação de alimentos, agasalhos. Este deve ser um primeiro momento, para depois passar para um engajamento em organismos e movimentos que estão transformando a realidade: pastoral da saúde, da criança, sindicatos, movimento estudantil;

b) incrementar a participação do jovem em pastorais que realizem trabalhos específicos e localizados: com idosos, crianças, doentes, dependentes;

c) provocar, na comunidade e nas escolas, através de teatros e vídeos, *debates* acerca da problemática social, tais como: prostituição, a questão indígena, o trabalho escravo no Brasil, a fome;

d) promover encontros de intercâmbio, entre jovens de uma comunidade não organizada com jovens que realizam algum trabalho de defesa e promoção da vida;

e) possibilitar a realização de festivais de música, teatro e outras modalidades, onde o jovem possa expressar de maneira criativa o seu grito de protesto que acena para soluções.

2.4. FÉ E POLÍTICA

Uma última questão que merece nossa atenção diz respeito à relação que os jovens fazem entre fé e política. Para melhor aprofundar os dados que a pesquisa constatou vamos dividir esta última reflexão em dois momentos: primeiro, vamos ater-nos aos dados que a pesquisa revela, para em seguida aprofundar a relação entre ambos. Uma compreensão séria desta relação só tem a contribuir para que nossa ação evangelizadora tenha mais em vista os problemas que a maioria da população brasileira enfrenta: fome, miséria, violência, corrupção etc.

2.4.1 Dados e constatações revelados pela pesquisa

Os jovens entrevistados foram questionados sobre a relação entre fé e política. Em uma primeira questão a pergunta foi assim formulada: *Você concorda que existe relação entre fé e política?* 61,2% afirmaram que não existe qualquer relação, apresentando a seguinte argumentação: a

"Muitos jovens que afirmaram haver relação entre fé e política não souberam justificar a sua resposta"

verdadeira religião não tem política; fé e política não se misturam; política no Brasil é corrupção, mentira; Deus não criou o Congresso, é coisa do "diabo"; bagunça, roubo; político não tem fé e usa a religião para se promover; política desune a comunidade, cria conflitos e afasta o pessoal.

38,8% responderam que existe relação

entre ambas, apresentando os seguintes argumentos: o ser humano é um ser político, nada se faz sem a dimensão política. Jesus Cristo foi um político, o povo é um agente político; fé na política transforma o mundo: através da luta pela melhoria dos salários, por mais justiça e paz. É importante ter presente que muitos jovens que afirmaram haver relação entre fé e política não souberam justificar a sua resposta.

Uma segunda questão foi assim formulada: *Você concorda que viver o que se acredita na religião tem a ver com uma posição política?* 74,5% afirmam que não e 25,4% afirmam que sim.

A grande maioria dos entrevistados, tanto na primeira questão como na segunda, foram unânimes em suas respostas: *Política e fé não se misturam, não têm ligação alguma.* Fundamentam sua respostas alegando que política no Brasil é corrupção, mentira, bagunça, roubo. *Política é a lei dos homens e fé é crer na lei de Deus.* Estas respostas mostram que a vivência dos princípios éticos, que a religião apresenta para serem vivenciados em todas as circunstâncias da vida, ainda não estão bem claro para os jovens. É bem verdade que vivemos uma situação onde as agremiações e instituições políticas sofrem grande desgaste e descrédito, o que permite compreender esta dificuldade que o jovem tem de relacionar fé com política. Os jovens não conseguem relacionar a realidade, vivida na política, com sua fé. Isto também é confirmado pelo Episcopado Latino-Americano em Santo Domingo (1992): *"A corrupção tem-se generalizado. Há mau emprego dos recursos econômicos públicos; progredem a demagogia, o populismo, a 'mentira política' nas promessas eleitorais; burla-se a justiça, generaliza-se a impunidade e a comunidade se sente impotente e indefesa diante do delito. Com tudo isso, fomenta-se a insensibilidade social e o cepticismo ante a falta de aplicação da justiça, emitem-se leis contrárias aos valores humanos e cristãos fundamentais. Não há uma equitativa distribuição dos bens da terra, abusa-se da natureza e se danifica o ecossistema"*⁸.

Mesmo em situações onde o termo *política* é purificado de falsas interpretações e se tem uma ação política coerente, esta dificuldade permanece. Por outro lado, já é possível perceber sinais de integração da *fé com a política*. Os jovens entrevistados que afirmam haver relação entre ambas apresentam os seguintes argumentos: o ser humano é político e não existe ação que não tenha a dimensão política presente. O próprio Jesus Cristo foi político (defendendo a vida). O povo é e deve ser um agente político transformador; fé e política podem transformar a realidade: *o engajamento nas lutas para que haja melhor distribuição de rendas é um exemplo.*

Vê-se que alguns jovens têm uma visão mais abrangente do alcance da influência da religião em suas vidas. São jovens que assumem a *"luta pela ética na política"*. O estopim deste desejo foram as falcaturas promovidas e/ou permitidas pelo ex-presidente Fernando COLLOR, que culminaram com seu impeachment em setembro de 1992. Estes jovens conseguem relacionar a fé com a religião. Assim eles entendem que *"a vida política deve reencontrar sua dignidade na edificação da cidade humana, onde todos têm oportunidade de realização pessoal e de comunhão solidária"*⁹.

2.4.2 Fé e política: compreendendo os termos

Os dados da pesquisa são ao mesmo tempo preocupantes e otimistas. Otimistas quando é visível que muitos jovens nesta faixa etária, atingidos pela pesquisa, conseguem integrar os valores éticos da fé com a ação política. Conseqüentemente, seu engajamento nas pastorais e nos movimentos populares acontece, contribuindo assim para a trans-

formação da dinâmica social de exclusão. Mas o número dos jovens que não conseguem fazer esta integração entre fé e vida preocupa e desafia a ação pastoral da PJ. Diante disto é importante ter presente nesta análise que quando existe a dificuldade de integrar fé com política, facilmente se faz separação entre os valores éticos da fé com a realidade das relações como um todo. Pode-se professar a fé no evangelho e ser conivente com a situação de morte que nos rodeia.

"O Analfabeto político"

Quando as pessoas afirmam que política não interessa, ou que são apolíticos, esquecem que o simples fato de não fazer nada e de não querer saber de política já é *uma atitude política* (não interessar-se pelo fato de as coisas irem bem ou mal). Aqueles que assumem esse desinteresse pela política podem estar fazendo o jogo dos maus políticos, pois são estes que lucram com isso. Quanto mais pessoas houver que não se interessam por participar da vida democrática, mais fácil se torna para os corruptos e aventureiros chegarem aos postos que lhe permitem enriquecer à custa do dinheiro público¹⁰.

Esta atitude de "apoliticidade" só contribui para que a vida da maioria das pessoas se agrave ainda mais. Porque, a partir do momento em que não se dá conta da importância de estar atento à política, os políticos no exercício do poder fazem leis e tomam decisões que terão conseqüências na vida

"O número de jovens que não conseguem fazer esta integração entre fé e vida preocupa"

cotidiana da população, principalmente a que vem se empobrecendo a cada plano de ajuste econômico.

Lado Social da fé

Necessariamente a fé cristã tem uma integração profunda com as questões sociais e políticas. O anúncio da Boa Notícia de Jesus não ficou imune às questões concretas da vida cotidiana das pessoas. Seu anúncio exigia conversão nas atitudes, expressa na prática individual e comunitária¹¹.

São TIAGO expressa muito claramente em sua carta a preocupação das primeiras comunidades: "A fé sem obras é morta" (Tg 2,14). Quando ele fala em "obras", refere-se às ações dos seres humanos em sociedade.

Os ensinamentos de Jesus não podem ser apenas conceitos doutrinários estereis. São compromissos que necessitam ser concretizados e construídos na dinâmica social. É tornar o Reino de Deus presente nas novas relações sociais, onde a justiça, a fraternidade, a solidariedade e a partilha tornam-se uma constante. Daí que necessariamente a religião tem ligação com política, porque esta existe em qualquer sociedade, boa ou má, justa ou injusta. Diante da política, a Igreja precisa assumir uma postura de defesa da vida e dos valores éticos.

Em Puebla (1979), os Bispos afirmaram "A Igreja sente como dever é direito estar presente neste campo da

realidade, porque o cristianismo deve evangelizar a totalidade da existência humana, incluindo a dimensão política. Por esta razão, critica a todos aqueles que tentam reduzir o espaço da fé à vida pessoal e familiar, excluindo a ordem profissional, econômica, social e política, como se o pecado, o amor, a oração e o perdão não tivessem aí relevância"¹²

Política

Para compreender ainda mais a ação política que os cristãos necessitam assumir, é importante ter presente e claro o que se entende por política. Numa definição rápida pode-se dizer: *Política* vem de *pólis*, palavra grega que significa cidade. Política é o governo da cidade. Do ponto de vista ético ou dos valores, a política é o conjunto de ações pelas quais os homens e as mulheres constroem formas de convivência entre as pessoas, grupos, nações, que ofereçam condições para a realização do bem comum.

CONCLUSÃO - PISTAS PASTORAIS

Todos estes elementos nos ajudam a pontualizar algumas pistas pastorais, a fim de que a compreensão da dimensão política da fé seja assumida pelo jovem:

a) Organizar e oportunizar espaços para o aprofundamento político do jovem. Isto pode acontecer através de seminários, debates¹³. Como é um tema que não empolga muito, é fundamental a utilização de recursos tais como teatros, vídeos etc. Já existe uma infinidade de materiais alternativos que ajudam neste objetivo.

b) A Igreja necessita investir na sua linguagem, seu jeito de promover a Justiça, engajando-se em projetos humanitários livres de preconceitos, siglas ou rótulos. Na medida em que a Justiça e a Solidariedade se identifiquem com uma instituição, parecem perder força junto à juventude. Por outro lado, a Justiça e a Solidariedade, apresentadas como valores universais, acima de partidos e ideologias, são objeto de adesão. A crise de modelos políticos e de ideologias, para o jovem, não significa a crise dos valores humanitários em si. A juventude demonstra crer na Justiça e na Solidariedade. A juventude é uma força mobilizadora, que poderia ser melhor despertada e organizada.

c) A pastoral poderia implementar maior aproximação com a sociedade civil organizada. Existem vários organismos dedicados à causa da Justiça na região da diocese de Rio do Sul, tais como: Centros de Defesa dos Direitos Humanos e Associações de Preservação do Meio Ambiente.

d) O ano de 1996 é marcado pela **eleições municipais**. Como se trata de uma das instâncias mais próximas da vida das pessoas e dos jovens, é fundamental investir esforços para que o tema da Campanha da Fraternidade aconteça nos grupos de jovens, nos grupos de reflexão (grupos de família), nos círculos bíblicos.

É fundamental superar este falso pudor ou timidez, para poder marcar presença forte no meio social e político. Só assim se conseguirá dar mais consistência ao processo de integração e participação da juventude no campo da política. Somente através da sua mobilização, envolvendo-a nas lutas

populares, ela fará seu aprendizado político. Da nossa parte falta-nos coragem e audácia cristã., para criar estes espaços.

"O cristianismo deve evangelizar a totalidade da existência humana, incluindo a dimensão política"

Diante de todos estes elementos que querem ser uma contribuição para que a ação evangelizadora com os jovens seja cada vez mais transformadora, fica claro que trabalhar a CF junto à juventude pressupõe uma compreensão ampliada de conscientização. Não podemos em nenhum momento falar de

política sem ter presente a questão da cidadania. Todos os espaços que temos na pastoral, no que diz respeito à formação e construção da cidadania, devem contribuir para que os jovens sejam sujeitos e protagonistas nesta ação. Do contrário, estaremos dando continuidade ao processo de dominação que aí está.

NOTAS

¹ Cf Conclusões de Puebla, n. 1196

² Cf CNBB, Estudos 44, número 55

³ Participação essa, geralmente progressiva: de espectador a personagem atuante

⁴ A totalidade do resultado desta pesquisa, o método utilizado e outras informações se encontram à disposição na secretaria da PJ da Diocese de Rio do Sul (telefone 047/ 822 1571 e 821 0315)

⁵ E. SADER, *A grande fábrica do consenso*, Tempo e Presença, ano 17, número 281, Koinonia, RJ, 1995, p. 18

⁶ Id., ibidem

⁷ Id., ibid., p 19

⁸ Conclusões de Santo Domingo, n. 233

⁹ *Ética, Pessoa e Sociedade* - Doc. 50 da CNBB, p. 87

¹⁰ Texto-base CF 1996, n. 13

¹¹ Cf A. DE FRANCO, *Qual a contribuição dos cristãos à política e à cidadania*, SEDOC, mar/abr 1994, vol 26, n 243, pg. 633

¹² Conclusões de Puebla, n. 515

¹³ Em algumas dioceses são organizados vários seminários e encontros sobre o tema da política. A realização do "Grito dos Excluídos" tem despertado muitas iniciativas no sentido de cada vez mais envolver as comunidades e a juventude na discussão dos problemas e projetos políticos.

Endereço do Autor:

Endereço do Autor:

Caixa Postal 306

89160-000 RIO DO SUL, SC

Fraternidade e Política

Política Neoliberal e Sacrificialismo

Gilberto Tomazi

Aluno do 4o. ano de Teologia

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-ESTRUTURAIS NECESSÁRIOS PARA UMA COMPREENSÃO DA CONJUNTURA ATUAL

Minha análise parte de uma crítica sociológica ao atual processo de globalização neoliberal, que confia nos mecanismos ou leis do mercado (mediante a concorrência, a eficácia e o lucro), como meios mais seguros e aprovados de 'governar' a sociedade. De um lado, esse processo tenta passar ideologicamente a idéia de que o mercado, em seu processo de solidificação e desenvolvimento, gerará o bem comum a todos, como obra de uma "mão invisível" prodigiosa, que precisa, para isso, vencer todo tipo de opositores e intervencionismos estatais, considerados culpados pelas deficiências existentes

no modelo de sociedade vigente. Por outro lado, a crença ou ideologia de que o mundo possível é o mundo existente - e que outro mundo ou outro modelo de sociedade é arcaico e impossível ou superado - essa ideologia é enfocada, cada vez com maior ênfase, pelas leis do mercado.

Tentar-se-á neste artigo aprofundar duas questões de fundamental importância para o entendimento da conjuntura atual. A primeira é "a incômoda questão sobre a feitura da situação mundial"¹. A segunda baseia-se num grande questionamento que urge nos últimos anos em relação ao modo de produção capitalista, extraído de Ronaldo RANGEL, e ainda não respondido pela maioria dos cientistas sociais: "Vivenciamos a destruição ou o fortalecimento do capitalismo?"². A seguir procurarei apresentar a realidade nacional dos últimos anos, e ainda pontualizar algumas reflexões alternativas de negação e superação do projeto neoliberal, que busca organizar a sociedade em função do Mercado e